



Sob efeito de plantas

**MICHAEL
POLLAN**

AUTOR DE
COMO MUDAR SUA MENTE

MICHAEL POLLAN

**SOB EFEITO
DE PLANTAS**

Tradução de
Rogerio W. Galindo



Copyright © 2021 by Michael Pollan

TÍTULO ORIGINAL

This Is Your Mind On Plants

REVISÃO

Juliana Brandt

Luana Luz

REVISÃO TÉCNICA

Luiz Otávio Felgueiras

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P833s

Pollan, Michael, 1955-

Sob efeito de plantas / Michael Pollan ; tradução Rogerio W. Galindo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.
320 p. ; 21 cm.

Tradução de: This is your mind on plants

ISBN 978-65-5560-372-9

1. Psicofarmacologia. 2. Ópio. 3. Mescalina. 4. Cafeína. 5. Sistema nervoso central - Efeito das drogas. I. Galindo, Rogerio w. II. Título.

22-81375

CDD: 615.78

CDU: 615.214



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Introdução

DOS MUITOS BENEFÍCIOS QUE OS seres humanos extraem das plantas — sustento, beleza, remédios, fragrância, sabor, fibras — certamente o mais curioso é o uso que fazemos delas para mudar o estado de nossa consciência: para estimular ou acalmar, manipular ou alterar por completo as qualidades de nossa experiência mental. Como a maioria das pessoas, uso algumas plantas dessa maneira diariamente. Todas as manhãs sem falta começo meu dia preparando uma infusão de água quente com uma das duas plantas das quais dependo (e de fato sou dependente) para desobstruir a mente, melhorar a concentração e me preparar para o dia. Em geral não pensamos na cafeína como uma droga, ou em nosso uso diário como um vício, mas só porque o café e o chá-da-índia* são legalizados e nossa de-

* Em inglês, o termo *tea* é comumente usado para descrever todas as variações de chás feitas a partir de folhas de *Camellia sinensis*; ao passo que os chás de ervas são descritos deste modo: *herbal teas*. No Brasil, o termo chá abarca todos os tipos de preparos à base de fervura de folhas. Todas as menções do termo chá ao longo deste livro referem-se, portanto, ao chá-da-índia (que contém cafeína), exceto quando especificado. (N. do E.)

pendência deles é socialmente aceitável. Então, o que é uma droga? E por que fazer um preparado usando folhas de *Camellia sinensis* não é controverso, ao passo que fazer o mesmo com as sementes da *Papaver somniferum*, como descobri por minha conta e risco, é um crime federal?

Qualquer um que tente elaborar uma definição robusta de drogas acaba tendo dificuldade. Canja de galinha é droga? E açúcar? Adoçantes artificiais? Chá de camomila? E quanto aos placebos? Se definirmos droga como uma mera substância que ingerimos para alterar o nosso estado de alguma forma, seja o corpo ou a mente (ou ambos), todas essas substâncias certamente se encaixam na definição. Mas não devíamos ser capazes de distinguir alimentos de drogas? Diante deste mesmo dilema, a Food and Drug Administration (FDA) hesitou, propondo uma definição oficial de drogas como “artigos que não são alimentos” que são reconhecidos pela farmacopeia — isto é, que são reconhecidos como drogas pela FDA. Não ajuda muito.

As coisas ficam só um pouco mais evidentes quando o adjetivo “ilícito” é utilizado: uma droga ilícita é aquela que o governo decide que é ilícita. Não é por acaso que as drogas ilegais sejam quase exclusivamente as que têm o poder de alterar o estado de consciência. Ou, talvez eu deva dizer, com o poder de mudar o estado de consciência de maneiras incompatíveis com o funcionamento tranquilo da sociedade e dos interesses de quem está no poder. Como exemplo, o café e o chá, que já demonstraram amplamente seu valor para o capitalismo de muitas formas, no mínimo nos tornando trabalhadores mais eficientes, não correm risco de ser proibidos, enquanto os

psicodélicos — que não são mais tóxicos que a cafeína e são consideravelmente menos viciantes — têm sido vistos, pelo menos no Ocidente desde meados dos anos 1960, como uma ameaça às normas sociais e instituições.

Mas mesmo essas classificações não são tão robustas ou imutáveis quanto se possa pensar. Em vários momentos, tanto no mundo árabe quanto na Europa, as autoridades tornaram o café ilegal por considerar as pessoas que se reuniam para bebê-lo uma ameaça política. Enquanto escrevo, os psicodélicos parecem estar passando por uma mudança de identidade. Uma vez que pesquisas demonstraram a utilidade da psilocibina no tratamento de doenças mentais, alguns psicodélicos podem em breve se tornar remédios aprovados pela FDA: isto é, reconhecidos mais como úteis do que ameaçadores para o funcionamento da sociedade.

De fato, os indígenas sempre entenderam essas substâncias exatamente assim. Em muitas comunidades indígenas, o uso cerimonial do peiote, um psicodélico, *reforça* as normas sociais ao reunir as pessoas para ajudar a curar traumas do colonialismo e da desapropriação. O governo norte-americano reconhece o direito previsto pela Primeira Emenda que os nativos norte-americanos têm de ingerir o peiote como parte do exercício livre de sua religião, mas sob nenhuma circunstância o restante dos norte-americanos pode gozar desse direito, mesmo se usarmos o peiote de maneira semelhante. Eis um caso em que a identidade do usuário é o que determina o status jurídico da droga.

Nada a respeito das drogas é simples. Contudo, nossos tabus sobre plantas não são completamente arbitrários. Como

esses exemplos sugerem, as sociedades condenam as drogas que alteram o estado de consciência e ajudam a manter as regras sociais e proíbem as que são vistas como ameaças. É por isso que podemos entender muito sobre os medos e desejos de uma sociedade observando as escolhas que esta faz em relação a substâncias psicoativas.

DESDE QUE COMECEI A cuidar de plantas na adolescência e tentei cultivar cannabis, me fascinam a atração que sentimos por esses elementos poderosos, seus tabus igualmente poderosos e sentimentos fortes que criamos em torno deles. Comecei a entender que, ao permitir que as plantas entrem em nossos corpos e alterem o estado de nossa mente, estamos interagindo com a natureza de uma das formas mais profundas possível.

Difícilmente existirá cultura na Terra que não tenha descoberto em seu ambiente pelo menos uma planta ou fungo, e na maioria dos casos todo um conjunto deles, que alteram o estado de consciência de uma ou mais maneiras. Durante um processo longo e perigoso de tentativa e erro, os seres humanos identificaram plantas que aliviam o peso da dor física; que nos deixam mais alertas ou capazes de realizações incomuns; que nos deixam mais sociáveis; que provocam encanto ou êxtase; que alimentam nossa imaginação; que nos levam a transcender o espaço e o tempo; que causam sonhos, visões e experiências místicas; e que nos levam à presença de nossos ancestrais e deuses. É evidente que o estado de consciência normal diário não nos é suficiente; procuramos alterar, intensificar e, às vezes, transcendê-lo, e identificamos toda uma coleção de moléculas na natureza que nos permitem fazer justamente isso.

Sob efeito de plantas é uma investigação pessoal de três dessas moléculas e as incríveis plantas que as produzem: a morfina na papoula; a cafeína no café e no chá; e a mescalina produzida pelo peiote e pelo cacto São Pedro. A segunda dessas moléculas hoje é legalizada em qualquer lugar; a primeira é ilegal na maioria dos locais (a menos que tenha sido refinada por uma companhia farmacêutica e prescrita por um médico); e a terceira é ilegal nos Estados Unidos a menos que você seja membro de uma tribo nativa americana. Cada uma representa uma das três amplas categorias de compostos psicoativos: as depressoras (ópio); as estimulantes (cafeína); e uma que acredito ser do tipo revelador (mescalina). Ou, usando uma terminologia um pouco mais científica, descrevo aqui um sedativo, um estimulante e um alucinógeno.

Vistas em conjunto, essas três drogas orgânicas dão conta de grande parte do espectro da experiência humana com substâncias psicoativas, do uso diário da cafeína, a droga psicoativa mais popular no planeta; ao uso cerimonial de mescalina pelos indígenas; ao uso longo de opioides para aliviar a dor. Este capítulo em particular é ambientado durante a guerra contra as drogas, um momento confuso em que o governo norte-americano prestava mais atenção em alguns agricultores cultivando opioides para produzir um chá levemente narcótico do que na companhia farmacêutica que sabidamente viciava milhões de norte-americanos em seu opioide aprovado pela FDA, o OxyContin. Eu era um desses agricultores.

Conto cada uma dessas histórias a partir de múltiplas perspectivas e através de várias lentes: histórica, antropológica, botânica e pessoal. Em todos os casos estive pessoalmente

envolvido — não sei como escrever sobre as sensações, e os significados, de alterar o estado de consciência sem fazer experimentos pessoais. Embora no caso da cafeína, a autoexperimentação tenha significado me abster ao invés de consumir, o que se mostrou muito mais difícil de fazer.

Um dos capítulos deste livro consiste num ensaio que escrevi há vinte e cinco anos, quando a guerra contra as drogas estava a todo vapor, e tem as cicatrizes daquele período de medo e paranoia. Mas as outras histórias foram afetadas pelo declínio dessa guerra, cujo fim agora parece estar à vista. Na eleição de 2020, os eleitores do Oregon votaram para descriminalizar a posse de *todas* as drogas e especificamente para legalizar tratamentos com psilocibina.* Uma medida aprovada na eleição em Washington, D.C., pede a descriminalização de “plantas e fungos enteogênicos”. (“Enteogênico”, do grego “para manifestar o deus [divino] interior”, é um termo alternativo para psicodélico, cunhado em 1979 por um grupo de estudiosos religiosos que esperavam retirar a mancha da contracultura desta classe de drogas e destacar seu uso espiritual há milhares de anos.) Na mesma eleição, Nova Jersey, junto com outros quatro estados tradicionalmente republicanos — Arizona, Mississippi, Montana e Dakota do Sul —, votaram para legalizar a maconha, totalizando 36 estados que já liberaram alguma forma de uso desta.

* “Descriminalizar” é um termo um pouco impróprio; a medida aprovada pelo voto instrui a polícia e os promotores a transformar o combate a crimes envolvendo a plantação, posse ou uso — mas não a venda — de plantas medicinais em sua menor prioridade. A campanha foi organizada por um novo movimento de reforma da legislação sobre drogas chamado Descriminalize a Natureza, que discuto no capítulo sobre a mescalina. (N. do A.)

Minha aposta ao escrever *Sob efeito de plantas* é que o declínio da guerra contra as drogas, com suas narrativas extremamente simplistas sobre “como funciona o seu cérebro sob efeito de drogas”, abriu um espaço no qual podemos contar outras histórias muito mais interessantes sobre nosso relacionamento antigo com as plantas e fungos que alteram o estado de consciência com os quais a natureza nos abençoou.

Uso a palavra “abençoar” consciente das tragédias humanas que podem acompanhar o uso de drogas. Muito mais do que nós, os gregos da Antiguidade entendiam a natureza dúbia desses elementos; uma compreensão refletida no caráter ambíguo do termo que usavam para elas: *pharmakon*. Um *pharmakon* pode ser tanto um remédio quanto um veneno; tudo depende do uso, da dose, da intenção, do cenário e do ambiente.* (A palavra tem também um terceiro significado, usado com frequência durante a guerra contra as drogas: um *pharmakon* é também um bode expiatório, algo para um grupo usar como justificativa para seus problemas.) O uso abusivo de drogas sem dúvida é real, mas é menos um problema de descumprimento das leis do que de um relacionamento não saudável com uma substância, seja ela lícita ou ilícita, na qual o aliado, ou remédio, se torna um inimigo. Os mesmos opioides que mataram cerca de cinquenta mil norte-americanos de overdose em 2019 também tornam cirurgias suportáveis e mais amena a passagem de quem parte desta vida. Com certeza algo que se qualifica como bênção.

* “Cenário e ambiente” são termos que Timothy Leary cunhou para destacar a poderosa influência do padrão de pensamento e do ambiente físico na determinação de uma experiência psicodélica. (N. do A.)

* * *

AS HISTÓRIAS QUE CONTO aqui colocam este trio de substâncias químicas orgânicas psicoativas no contexto da nossa relação com a natureza de modo geral. Uma das nossas inúmeras conexões com o mundo natural é a que existe entre a química orgânica e a consciência humana. E já que isso é um relacionamento, precisamos contabilizar os pontos de vista das plantas assim como o nosso. Não é incrível que tantas delas tenham encontrado as receitas precisas das moléculas que se encaixam perfeitamente aos receptores do cérebro humano? E que ao fazer isso essas moléculas podem provocar um curto-circuito em nossa experiência com a dor, ou nos causar excitação, ou acabar com a sensação de sermos seres independentes? É preciso se perguntar: o que as plantas ganham ao conceber e fabricar moléculas capazes de se passar por neurotransmissores humanos e nos afetar de maneiras tão profundas?

A maioria das moléculas capazes de alterar a mente dos animais começou como um recurso de defesa das plantas: alcaloides como a morfina, a cafeína e a mescalina são toxinas amargas cuja função é desencorajar que a planta seja comida e, se os animais insistirem, envenená-los. Mas as plantas são espertas e no decorrer da evolução aprenderam que apenas matar a praga de imediato não necessariamente é a melhor estratégia. Como um pesticida letal que é rápido em selecionar os membros mais resistentes da população de pragas, neutralizando-os, as plantas evoluíram para estratégias mais sutis de engano: químicos que alteram o estado mental dos animais, deixando-os confusos, desorientados ou sem apetite —

algo que a cafeína, a mescalina e a morfina fazem de maneira consistente.

Mas, embora a maioria dessas moléculas psicoativas tenha começado como venenos, elas por vezes evoluíram para se tornar o oposto: atrativos. Os cientistas recentemente descobriram algumas espécies que produzem cafeína no néctar, que é o último lugar onde se esperaria que uma planta apresentasse uma bebida venenosa. Essas plantas descobriram que podem atrair polinizadores ao oferecer a eles uma pequena dose de cafeína; melhor ainda, essa cafeína já demonstrou ser capaz de melhorar a memória das abelhas, tornando-as polinizadoras mais fiéis, eficientes e dedicadas. Basicamente a mesma coisa que a cafeína faz por nós.

Tão logo os seres humanos descobriram o que a cafeína, a morfina e a mescalina podiam fazer por eles, as plantas que produziam as maiores quantidades desses químicos foram as que prosperaram à luz de nossa atenção; disseminamos seus genes pelo mundo, expandindo amplamente seu habitat e garantindo que todas as suas necessidades fossem atendidas. Agora, nosso destino e o dessas plantas estão interligados de maneira complexa. O que começou como guerra evoluiu para um casamento.

POR QUE INVESTIMOS TANTO em alterar o estado de nossa mente e por que cercamos esse desejo universal de leis e impostos, de tabus e ansiedade? Essas perguntas me perseguem desde que comecei a escrever sobre nossa interação com o mundo natural, há mais de trinta anos. Quando comparamos esse desejo a outras necessidades que saciamos por meio da natu-

reza — comida, roupas, abrigo, beleza e tantas coisas mais — nossa disposição para alterar o estado de consciência não parece contribuir nem de perto da mesma maneira, se é que de fato contribui, para nosso sucesso ou sobrevivência. De fato, esse desejo pode ser visto como uma falha adaptativa, uma vez que estados alterados podem nos colocar em risco de acidentes ou nos tornar mais vulneráveis a ataques. Além disso, muitas dessas substâncias químicas são tóxicas; outras, como a morfina, são muito viciantes.

Mas, se o desejo de nossa espécie pela alteração do estado de consciência é universal, uma característica humana intrínseca, os benefícios devem compensar os riscos, ou a seleção natural teria há muito tempo eliminado os usuários de drogas. Vejamos, por exemplo, a importância da morfina como analgésico, o que a tornou uma das drogas mais importantes na farmacopeia há milhares de anos.

Plantas que alteram o estado de consciência se relacionam com outras necessidades humanas também. Não podemos subestimar o valor, para as pessoas presas a vidas monótonas, de uma substância que possa aliviar o tédio e entretê-las ao promover novas sensações mentais e pensamentos. Algumas drogas podem expandir as fronteiras de um mundo limitado pelas circunstâncias, como descobri durante a pandemia. Drogas que aumentam a sociabilidade não apenas nos agradam, mas presumivelmente resultam em mais descendentes. Estimulantes como a caféina melhoram a concentração, nos tornando mais capazes de aprender e de trabalhar e de pensar de maneira racional e linear. A consciência humana está sempre sob risco de ficar paralisada, presa a círculos viciosos de ruminação; substâncias

químicas extraídas de cogumelos como a psilocibina nos dão um empurrãozinho para fora desses buracos, liberando um cérebro travancado e possibilitando novos padrões de pensamento.

As drogas psicodélicas também têm o poder de nos beneficiar — e ocasionalmente a nossa cultura — ao estimular a imaginação e alimentar a criatividade dos indivíduos que as consomem. Não estou sugerindo que todas as ideias que surgem numa mente alterada são boas; a maioria não é. Mas, de vez em quando, o cérebro que viaja vai esbarrar numa nova ideia, uma solução para um problema, ou uma nova maneira de ver coisas que beneficiarão o grupo e, possivelmente, mudarão o curso da história. É possível defender a ideia de que a introdução da cafeína na Europa no século XVII promoveu uma nova mentalidade, mais racional (e sóbria), que ajudou a dar origem à era da razão e ao Iluminismo.

É útil pensar nas moléculas psicoativas como mutações, mas mutações que operam no espectro da cultura humana em vez de na biologia. Da mesma maneira que a exposição a uma força disruptiva como a radiação pode provocar mutações, criando variações genéticas e lançando novas características que de tempos em tempos se revelam adaptáveis para a espécie, as drogas psicoativas, atuando na mente dos indivíduos, ocasionalmente contribuem com novas mensagens úteis para a evolução da cultura: revelações conceituais e metáforas e teorias novas. Nem sempre, nem com frequência, mas muito de vez em quando, o encontro entre uma mente e uma molécula vinda de uma planta muda as coisas. Se a imaginação humana tem uma história natural, como deve ter, pode haver qualquer dúvida de que a química vegetal tenha ajudado a moldá-la?

Compostos psicodélicos podem promover experiências de adoração e conexão mística que nutrem o impulso espiritual dos seres humanos — na verdade, podem tê-lo originado, de acordo com alguns estudiosos da religião.* A noção de um além, de uma dimensão oculta da realidade, de um pós-vida — essas também podem ser mensagens apresentadas à cultura humana por visões que as moléculas psicoativas inspiraram na mente humana. As drogas não são a única maneira de causar o tipo de experiência mística no cerne de muitas tradições religiosas — a meditação, o jejum e o isolamento podem ter resultados semelhantes —, mas elas são um recurso infalível de fazê-la acontecer. O uso espiritual ou cerimonial de drogas vegetais também pode ajudar a unir as pessoas, fomentando um sentimento mais forte de conexão social acompanhado de uma diminuição da autoconsciência. Estamos apenas começando a entender como nosso envolvimento com plantas psicoativas determinou a história.

Sendo assim, não deveria nos surpreender que as plantas que apresentam esse poder e essas possibilidades sejam cercadas de

* A ideia de que os psicodélicos desempenharam um papel fundamental na religião tem aparecido periféricamente nos estudos religiosos desde, pelo menos, os anos 1970, quando R. Gordon Wasson (o homem que redescobriu a psilocibina) colaborou com Albert Hofmann (o inventor da dietilamida do ácido lisérgico, ou LSD) e um jovem classicista chamado Carl A. P. Ruck na escrita de *The Road to Eleusis: Unveiling the Secret of the Mysteries* [A estrada para Elêusis: Desvendando o segredo dos mistérios] (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1978; reimpressão, Berkeley: North Atlantic Books, 2008). Ver também John M. Allegro, *The Sacred Mushroom and the Cross* [O cogumelo sagrado e a cruz] (Londres: Hodder and Stoughton; Nova York: Doubleday, 1970). Uma excelente investigação recente do papel dos psicodélicos no início da religião é encontrada no livro de Brian C. Muraresku, *The Immortality Key: The Secret History of the Religion with No Name* [A chave para a imortalidade: A história secreta da religião sem nome] (Nova York: St. Martin's Press, 2020). (N. do A.)

emoções, leis, rituais e tabus igualmente poderosos. Isso reflete a compreensão de que alterar o estado da mente pode ser perturbador tanto para os indivíduos quanto para as sociedades, e que, quando essas ferramentas poderosas são colocadas nas mãos de seres humanos falíveis, as coisas podem dar muito errado. Temos muito a aprender com as culturas tradicionais indígenas que há muito já fazem uso de psicodélicos como a mescalina ou a ayahuasca: via de regra, a substância nunca é usada casualmente, mas sempre com intenção, cercada de rituais e sob o olhar atento de anciões experientes. Esses indivíduos reconhecem que as plantas são capazes de libertar energias dionisíacas que podem sair do controle se não forem usadas com cuidado.

Mas o instrumento contundente de uma guerra contra as drogas nos impediu de levar em conta tais ambiguidades e os importantes questionamentos que elas levantam sobre nossa natureza. A versão simplista dessa empreitada a respeito do que as drogas fazem e são, assim como sua insistência em agrupar todas elas com nitidez sob uma rubrica sem sentido, têm nos impedido há tempo demais de pensar com precisão sobre o significado e o potencial dessas substâncias muito diferentes entre si. O status jurídico desta ou daquela molécula é uma das informações menos interessantes a seu respeito. De maneira muito semelhante a um alimento, uma droga psicoativa é menos uma coisa — sem um cérebro humano, é inerte — do que um relacionamento; é preciso tanto uma molécula quanto uma mente para fazer algo acontecer. A premissa deste livro é que esses três relacionamentos colocam em evidência nossas mais profundas necessidades e aspirações humanas, o funcionamento de nossa mente e nossa interação com o mundo natural.

ÓPIO

Prólogo

A NARRATIVA QUE SE segue a este prólogo é uma espécie de texto de época, um despacho da guerra contra as drogas quando ela estava perto do auge, por volta de 1996-97, e que acabou se tornando uma vítima menor desta. O texto foi publicado originalmente na edição de abril de 1997 da *Harper's Magazine*, mas não na íntegra. Depois de consultar vários advogados, concluí que havia quatro ou cinco páginas cruciais da narrativa que não poderia publicar sem correr o risco de ser preso e ter nossa casa e jardim confiscados — a destruição de nossa vida, basicamente. Vinte e quatro anos depois, aquelas páginas — que haviam se perdido depois que as escondi — foram restauradas e aparecem aqui impressas pela primeira vez.

A história, que começou como uma espécie de brincadeira, findou em ansiedade, paranoia e autocensura. Na época, eu, minha esposa e nosso filho de 4 anos vivíamos na área rural de Connecticut, e eu estava escrevendo ensaios pessoais

sobre o dia a dia do meu cultivo. Como jardineiro, fiquei fascinado pela relação simbiótica que nossa espécie estabeleceu com certas plantas, usando-as para atender nossos desejos por todo tipo de coisa, de nutrição a beleza passando pela mudança do estado de consciência. No início de 1996, meu editor na *Harper's Magazine*, Paul Tough, me enviou um livro de uma editora clandestina que tinha ido parar na mesa dele chamado *Opium for the Masses* [Ópio para as massas], sugerindo que talvez houvesse ali um tema para uma coluna minha. Na mesma hora, fiquei intrigado pela ideia de que eu poderia cultivar papoulas e produzir a mais antiga droga psicoativa no meu jardim a partir de sementes de fácil obtenção. Decidi tentar, só para ver o que ia acontecer. O resultado se transformou num pesadelo real quando me vi envolvido numa discreta, mas determinada, campanha federal para eliminar o conhecimento a respeito de um narcótico caseiro fácil de produzir antes que se tornasse uma moda.

Lido hoje, no que podemos esperar que sejam os últimos dias da guerra contra as drogas, o texto parece exagerado em alguns momentos, mas é crucial entender o contexto no qual ele foi escrito. Com o presidente Clinton, o governo atuava na guerra contra as drogas com uma veemência nunca antes vista nos Estados Unidos. No ano em que plantei minhas papoulas, mais de um milhão de norte-americanos foram presos por crimes relacionados a drogas. As penas de muitos desses crimes tornaram-se draconianas sob a lei criminal de Clinton de 1994, que introduziu as novas disposições de sentença conhecidas como “*three-strikes*” [três infrações], levando a penas mínimas para muitos crimes não violentos envolvendo drogas.

Em meados dos anos 1990, uma série de decisões da Suprema Corte em casos de drogas deu ao governo uma gama de novos poderes que corroeram de forma significativa nossas liberdades civis. O governo também ganhou novos poderes para confiscar propriedades — casas, carros, terrenos — envolvidas em crimes de drogas, mesmo que ninguém tivesse sido condenado ou sequer indiciado.

Essa erosão das liberdades civis foi um efeito secundário da guerra contra as drogas ou seu objetivo? Boa pergunta. Não foi o presidente Clinton quem começou a guerra contra as drogas — esse título pertence a Richard Nixon, que hoje sabemos que não via o combate às drogas como uma questão de saúde pública ou de segurança, mas como uma ferramenta política contra seus inimigos. Em um artigo de abril de 2016 na *Harper's Magazine*, “Legalize It All” [Legalizem tudo], Dan Baum relembrou uma entrevista que fez com John Ehrlichman em 1994 — dois anos antes das minhas desventuras no jardim. Ehrlichman foi conselheiro de política interna do presidente Nixon; cumpriu pena em uma prisão federal pelo papel que desempenhou no Watergate. Baum foi conversar com Ehrlichman sobre a guerra contra as drogas, da qual foi seu principal arquiteto.

“Você quer saber do que realmente se tratava?” perguntou Ehrlichman de cara, chocando o jornalista tanto pela franqueza quanto pelo cinismo. Ele explicou que a Casa Branca de Nixon “tinha dois inimigos: a esquerda pacifista e os negros... Sabíamos que era impossível condenar alguém judicialmente por ser pacifista ou por ser negro, mas, ao fazer o público associar os hippies com a maconha e os negros com a heroína,

e depois criminalizar ambos rigorosamente, podíamos perturbar essas comunidades. Podíamos prender seus líderes, invadir suas casas, interromper suas reuniões e vilipendiá-los noite após noite no noticiário noturno. Sabíamos que estávamos mentindo sobre as drogas? É óbvio que sabíamos.”*

Embora a guerra contra as drogas não tenha chegado nem a uma declaração de vitória nem de derrota, é raro ouvirmos a expressão da boca de representantes do governo e de políticos hoje. Suspeito que há duas razões para o silêncio: no que diz respeito à política, o governo tem menos necessidade de leis antidrogas draconianas desde que declarou uma nova “guerra” em 2001. A guerra contra o terror assumiu o papel da contra as drogas como justificativa para expandir o poder governamental e limitar as liberdades civis. E, no que diz respeito à saúde pública, passado meio século de promoção da guerra contra as drogas tornou-se óbvio para qualquer pessoa atenta que são elas que estão vencendo. Criminalizar as drogas fez pouco para desencorajar seu uso ou para reduzir os índices de vício e de mortes por overdose. O principal legado dessa empreitada foi encher nossas prisões com centenas de milhares de criminosos não violentos — negros em quantidade muito maior do que hippies. É este, portanto, o primeiro contexto histórico sob o qual meu relato sobre cultivo de ópio em 1996 deve ser lido, como uma janela para um período obscuro e de medo nos Estados Unidos, quando não era preciso sair do

* A veracidade da citação foi questionada por alguns dos colegas de Ehrlichman no governo; Baum morreu em 2020, então não pude pedir a ele documentos ou explicações sobre por que esperou mais de uma década para publicá-la. (N. do A.)

próprio jardim para se tornar um criminoso e se colocar em grave risco de se ver condenado. Mas há outro contexto histórico no qual o texto pode ser lido, e quanto a esse ninguém estava ciente na época.

As palavras “ópio” e “opioides” têm agora um conjunto bastante diferente de conotações do que tinham quando plantei minhas papoulas em 1996. Hoje, elas conjuram uma catástrofe de saúde pública nacional nos Estados Unidos, mas em 1996 não havia uma “crise de opioides”. O que havia eram talvez meio milhão de viciados em heroína e cerca de 4.700 mortes anuais por overdose de drogas. Na época, essas tragédias eram com frequência citadas para justificar a guerra contra as drogas, mas em um país com uma população de 270 milhões isso dificilmente se qualificaria como uma crise de saúde pública. (Razão pela qual a cannabis teve de ser acrescentada à lista dos alvos.) Hoje, por comparação, as mortes por overdose de opioides, tanto lícitos quanto ilícitos, chegam a cinquenta mil por ano e um total estimado de dois milhões de norte-americanos são viciados em opioides. (Outros dez milhões abusam de seu uso, segundo a Substance Abuse and Mental Health Services Administration [Agência de Serviços em Abuso de Substâncias e Saúde Mental dos Estados Unidos].) Depois da covid-19, a epidemia de opioides representa a maior ameaça de saúde pública desde a epidemia de aids/HIV.

No caso dessa epidemia, no entanto, o principal culpado não é um vírus, nem mesmo o mercado de drogas ilícitas; é uma empresa. O que eu não sabia enquanto realizava experimentos ilegais com ópio é que, no mesmo momento histórico, a indústria farmacêutica estava plantando as primeiras semen-

tes da crise dos opioides. No mesmo verão em que a Drug Enforcement Administration (DEA) [Agência de Fiscalização de Drogas] perseguia discretamente agricultores, vendedores de sementes, escritores e outros peixes pequenos envolvidos com a papoula, a Purdue Pharma — uma empresa farmacêutica pouco conhecida com sede em Stamford, no Connecticut, a 96 quilômetros do meu jardim seguindo pela Rota 7 — começava a promover um novo opioide de liberação lenta chamado OxyContin.

Lançada em 1996, a agressiva campanha de marketing da Purdue para o OxyContin convenceu os médicos de que aquela nova formulação era mais segura e menos viciante do que os demais opioides. A empresa garantiu para a comunidade médica que a dor não vinha sendo tratada de forma adequada, e que o novo OxyContin poderia beneficiar não apenas pacientes de câncer e que tinham passado por cirurgias, mas pessoas sofrendo com artrite, dor nas costas e com sequelas de acidentes de trabalho. A campanha produziu uma explosão nas prescrições, gerando para os donos da empresa, a família Sackler, mais de 35 bilhões de dólares e, ao mesmo tempo, mais de 230 mil mortes por overdose.* No entanto, esse total subestima em muito o número de mortes causadas pelo OxyContin: milhares de pessoas que se tornaram viciadas em analgésicos com venda liberada acabaram recorrendo à clandestinidade quando não conseguiam mais obter receitas mé-

* Os Sackler se juntaram a uma tradição de famílias norte-americanas ilustres cujas fortunas vieram da venda de ópio e seus derivados, incluindo John Jacob Astor e os Cabot, Perkins e Cushing de Boston, todos muito mais conhecidos por sua filantropia e patrocínios. (N. do A.)

dicas para opioides; quatro em cada cinco novos usuários de heroína usaram analgésicos prescritos primeiro.

Ao mesmo tempo que a guerra contra as drogas ilícitas estava a todo vapor, supostamente para erradicar um problema de saúde pública real, mas bastante modesto, um opioide legal aprovado pela FDA estava sendo empurrado para as pessoas, criando o que se tornou uma legítima crise de saúde pública. Lido sob esta luz, as maquinações da guerra que pairam sobre meu jardim e minha história parecem quase cômicas, de um jeito meio Keystone Kops*. *Eles foram por ali!*

Um dos mais importantes remédios na farmacopeia, a papoula é cultivada há mais de cinco mil anos. Na maior parte desse tempo fomos capazes de reconhecer a natureza dúbia da flor e das poderosas moléculas que ela nos oferece: ao mesmo tempo uma bênção para aqueles que sofrem com a dor ou diante da morte e um grande perigo para aqueles que abusam dela. Para gregos e romanos, a flor de papoula simbolizava a doçura do sono e a perspectiva da morte. É evidente que não somos tão bons quanto eles em concatenar ideias contraditórias. Quem hoje em dia tem algo de bom a dizer a respeito dos opioides ou do ópio? A palavra “bênção” não vem à mente, exceto, talvez, no leito de morte. Mas o que é verdade para a papoula é verdade para todos os remédios que as plantas nos deram: são ao mesmo tempo aliados e venenos, o que significa que depende de nós estabelecer uma relação saudável com eles.

* Os Keystone Cops (Guardas Keystone) são personagens de uma série de comédias pastelão do cinema mudo. Tratava-se de um grupo de policiais incompetentes, sempre vistos em tresloucadas perseguições motorizadas ou a pé pelas ruas da cidade. (N. do E.)

Quanto à própria flor da papoula, talvez em breve ela deixe de existir em nossa antiga relação com os opioides, à medida que versões sintéticas mais fortes e mais baratas dos alcaloides da flor passam a dominar os mercados de analgésicos — tanto os legais quanto os ilegais. Algo será perdido quando isso acontecer. Uma das hipóteses do meu experimento no jardim era a de que poderia haver algum valor em conhecer a papoula e seu poder em todos os seus aspectos, antes que seu papel em nossas vidas, outrora tão importante, seja reduzido a um ornamento.

Não é novidade que nos valem das plantas para inúmeros fins – alimentação, cosmética, remédios, fragrâncias, sabor, fibras –, mas, certamente, o uso mais curioso que fazemos delas é para alterar nosso estado de consciência, seja para estimular ou acalmar, provocar ou alterar as características de nosso cérebro e suas possibilidades. Diariamente, por exemplo, humanos em todos os cantos do planeta consomem cafeína a fim de aguçar a mente. Por que não pensamos nela como uma droga, nem no seu uso diário como um vício? A resposta é simples: a cafeína é legal e socialmente aceita. Mas o que faz, então, da substância uma “droga”?

Em *Sob efeito de plantas*, Michael Pollan mergulha profundamente na história de três drogas vegetais – ópio, cafeína e mescalina – e, com sua usual perspicácia, destaca a estranheza e a arbitrariedade intrínsecas ao nosso modo de pensá-las. Investigando ativamente as culturas que cresceram em torno dessas substâncias enquanto as consumia (ou, no caso da cafeína, se abstinha dela), avalia a poderosa atração humana por plantas psicoativas. Por que nos esforçamos tanto para buscar esses estados alterados de consciência e depois cercamos esse desejo universal de leis, taxas e problemáticas?

Em uma combinação única de história, ciência, memórias e jornalismo cívico, Pollan examina e experimenta essas plantas sob ângulos e em contextos muito diferentes, lançando uma nova luz sobre compostos químicos muitas vezes tratados de forma redutiva: como drogas lícitas ou ilícitas. Este livro é, portanto, um retrato das necessidades e aspirações humanas mais fundamentais, das maquinações de nosso cérebro e de nossa relação com o mundo natural.



SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1243/>